

INSUBMISSOS MODOS DO FAZER ETNOGRÁFICO DE ZORA NEALE HURSTON

STEFFANE PEREIRA SANTOS

Mestranda em Antropologia Social- Universidade Federal de Minas Gerais
E-mail: steffanespereira@gmail.com

RAFELA RODRIGUES DE PAULA

Doutoranda em Antropologia Social- Universidade Federal de Minas Gerais
E-mail: depaularafaelar@gmail.com



Resumo: Zora Neale Hurston é uma antropóloga pioneira e insubmissa. Seus escritos trazem consigo modos de fazer antropologia subversivos. É neste sentido que o trabalho em tela objetiva discutir sua trajetória, seus modos de fazer etnográficos a partir da obra *Olualê Kossola: As palavras o último homem negro escravizado* (2021) e também explorar o fazer antropológico enquanto corpos negros que produzem no cerne da antropologia e que são locutoras da presente exposição. Explorando a dimensão subjetiva e experiencial e aspectos etnográficos. Retomar o legado silenciado de Zora Hurston é traçar pontes de sobrevivência aos nomes racializados e genderizados que formam a disciplina antropológicas.

Palavras-chaves: Zora Neale Hurston; Antrpologia; Etnografia; Epistemicídio.

Abstract: Zora Neale Hurston is a pioneering and insubmissive anthropologist. Her writings bring with them ways of making subversive anthropology. It is in this sense that the work on canvas aims to discuss its trajectory, its modes of making ethnographic from the work *Olualê Kossola: The words the last enslaved black man* (2021) and also explore anthropological making as black bodies that produce at the heart of anthropology and that are locusts of the present exhibition. Exploring the subjective and experiential dimension and ethnographic aspects. To resume the silenced legacy of Zora Hurston is to draw bridges of survival to the racialized and gendered names that form the anthropological discipline.

Keywords: Zora Neale Hurston; Anthropology; Ethnography; Epistemicide.

INTRODUÇÃO

41

Estou acostumada com a manutenção descuidada de cemitérios, que é tradicional na maioria das comunidades negras do sul, mas essa negligência é impressionante. Até onde posso ver, não há nada além de arbustos e ervas daninhas, alguns da altura da minha cintura. (...) Rosalee e eu mergulhamos no mato; eu puxo meu vestido longo para os meus quadris. As ervas daninhas arranham meus joelhos e os insetos têm um banquete. (...) Há coisas crepitando e assobiando na grama. Grãos de areia estão grudadas na parte interna da minha saia. Areia e formigas cobrem meus pés. Olho para a estrada e noto que há, de fato, duas grandes pedras curvas, formando uma entrada e uma saída do cemitério. Eu me oriento por elas e tento navegar até o centro exato. Mas o centro de qualquer coisa pode ser muito grande e uma cova não é um ponto. Encontrar a cova parece definitivamente impossível. Há apenas uma coisa a fazer: "Zora!", eu grito, o mais alto que posso (fazendo Rosalee pular), "você está aqui? (...) Zora!" Então eu começo a mexer com ela. "Espero que você não ache que vou ficar aqui o dia todo, com essas cobras me observando e essas formigas tendo um dia de campo. Na verdade, vou chamar você apenas mais uma ou duas vezes. Em um monte de grama seca, perto de uma pequena árvore espessa, meu olho cai em um dos maiores insetos que eu já vi. Está de costas e mede três dos meus dedos. Ando em direção a ele e grito "Zo-ra!" e meu pé afunda em um buraco. Eu olho para baixo. Estou em um retângulo afundado com cerca de um metro e oitenta de comprimento e três ou quatro metros de largura. Olho para cima para ver onde estão os dois portões. "Bem," digo, "esse é o centro, ou aproximadamente, de qualquer forma. É também o único local afundado que encontramos. Isso não parece uma sepultura para você?"
- Alice Walker (2021)

A epígrafe apresentada acima, traz trechos do texto *À procura de Zora Neale Hurston* (2021) da autora, poeta, ativista negra Alice Walker, conhecida pelo seu célebre romance *A Cor Púrpura* (1982), nesse trecho ela relata o processo de procura/expedição pela sepultura da

antropóloga Zora Neale Hurston no cemitério de Jardim do Descanso Celestial, em Sanford, Flórida. Tal busca pelo ímpeto de Walker com juntamente a pesquisadora Charlotte Hunt, se deu em razão de a época ser amplamente divulgado que Zora Hurston, teria sido sepultada como indigente. Walker e Hunt, compreendendo a magnitude da importância de Hurston, se colocam à disposição para encontrar essa sepultura, ao longo do texto, Walker vai nos relatando com uma riqueza de detalhes como encontra pistas não somente da sepultura de Hurston, como também narrativas e memórias que apontam que a autora morreu cercada de uma comunidade de amigos que à época não tiveram condições de arcar com custos de lápides, mas realizaram uma despedida minimamente respeitosa para Hurston.

Iniciamos com essa procura que gerou muitos encontros de Alice Walker com Zora Neale Hurston, uma vez que o presente texto, apresenta uma procura e encontro de nós autoras, antropólogas negras, com a antropóloga Zora, e partir desse encontro as potencialidades de traçar caminhos, diálogos com seus trabalhos. É como se agora, nós antropólogas negras que fazemos questão de gritar “ZORA!” nos espaços acadêmicos que a continuam sepultada como indigente, é chegada a hora de tal como posteriormente fez Walker ao colocar uma grande lápide situando onde Hurston teria sido sepultada, é momento, ou já passou o momento de cravar, fixar e reposicionar esta brilhante intelectual negra na produção do conhecimento, especialmente o antropológico. E é assim que nosso fazer antropológico é marcado pela vida de Zora, enquanto nos movimentamos sob seu legado inegável.

Tendo isso em vista, o presente trabalho buscará apresentar as potencialidades dos trabalhos de Zora Hurston, para suscitar modos Outros de fazer etnográficos, rompendo com modos colonizantes da pesquisa de campo, nos propondo novas formas de relações e escrita de pesquisa na antropologia, especificamente nos concentraremos na sua obra *Olualê Kossola: As Palavras do Último Homem Negro* (2021). A seguir, apresentamos uma breve apresentação da trajetória de Zora, e o processo de epistemicídio que perpassou ela, e suas produções, dentro da produção do conhecimento. Posteriormente, adentramos na obra analisada, e discutimos novas propostas e potencialidades etnográficas trazidas por Zora em tal pesquisa.

42

GRIFOS INICIAIS SOBRE UMA ANTROPÓLOGA NEGRA DO SUL

Antropóloga pioneira e insubmissa. Folclorista, romancista, novelista e roteirista. ZoraNealeHurston (1891-1960) nasceu em Eatonville na Flórida no fim do século XIV. Autora de *Barracon* (1931), *Mules and Men*(1935) e *Tell My Horse: Voodoo and Life in Haiti and Jamaica* (1938). Graduiu-se na Universidade de Howard em Washington. Em 1925 se mudou para Nova Iorque onde iniciou os estudos de pós-graduação sob orientação de Franz Boas no Barnard College da Universidade de Colúmbia. Trabalhou desafiando teorias racistas que imperavam sobre a Antropologia no contexto (Basques, 2019).

Foi também ativista do Renascimento do Harlem, que é um marco da década de 1920 nos Estados Unidos e demarca o alicerçamento dos movimentos pelos direitos civis estadunidenses das décadas de 1950 e 1960. Foi alimentado pelo orgulho negro e tensão defronte às formas de representação da cultura/experiência negra na literatura, teatro e música. Reorganizando os modos de produção artística e inserindo a dimensão da literatura,

teatro e música negra como centrais. Outros nomes como Aaron Douglas e Louis Armstrong foram ativos nesta movimentação. Zora Hurston trabalhou em peças de teatro entre 1931 e 1934. Em 1934 obteve o título de PhD em Antropologia e também trabalhou como consultora para a produtora Paramount Pictures.



Figura 1. Retrato de ZoraNealeHurston
Fonte: Britannica

Ainda sob notas de apresentação biográfica, gostamos de ver fotografias de ZoraHurston. É bem interessante imaginar suas andanças no Caribe, as pesquisas que realizou e colaborou, seus interesses acerca do Vodou haitiano, as experiências vividas refletidas em seus muitos contos escritos, seus romances publicados e seu extenso trabalho etnográfico realizado. Zora¹ e eu, primeira autora, compartilhamos do mesmo signo². Isto é só uma curiosidade aleatória e gostosa que gosto de devanear e lembrar sobre como sua personalidade era ou poderia. Além dos 40 anos que nos separam temporalmente, a diferença entre a sua morte e o meu nascimento, o racismo e o colonialismo nos separou incessante e compulsoriamente.

Zora faleceu sob a negação de custeamento para seu trabalho Herodes, o Grande, após recusa do trabalho pelo departamento editorial Harper e Brothers e sem dinheiro para prover



seu próprio sepultamento, foi enterrada em uma cova sem identificação. A causa da morte da antropóloga foi um acidente vascular cerebral. Por muito tempo foi tida como desconhecida e especulações foram levantadas acerca de seu falecimento. Como relatado acima, é o movimento da ida de Alice Walker até Stanford na Flórida, atrás de informações sobre o túmulo sem identificação de Zora Hurston. E onde, na inserção de si sob o legado de Hurston, conhece pessoas que conviveram com ela no fim de sua vida³.

Graduadas em Ciências Sociais, não lemos Zora nos primeiros períodos. Não sabíamos de sua existência por algum período. Enquanto nos debruçamos sobre as obras de outros antropólogos⁴ tão próximos à Zora como Franz Boas, Margareth Mead e Ruth Benedict, além de próximos em semelhante posição a Mead e Benedict, Zora também foi aluna de Boas. Zora escreve o livro *Barracão*, traduzido para o português em 2021 como *Olualê Kossola: As palavras do último homem negro escravizado*⁵, em 1931. O livro é um trabalho etnográfico onde Zora entrevista Olualê Kossola. *Padrões de Cultura* de Ruth Benedict publicado em 1934, *Sexo e Temperamento* de Margareth Mead foi publicado um ano depois em 1935. Por que lemos os últimos livros publicados na mesma primeira década da década de 1930 e não lemos a rica etnografia feita por Zora?

A resposta não é muito difícil. O apagamento de pensadoras como Zora Hurston, uma pensadora que emerge do norte global da produção do conhecimento por vir dos Estados Unidos, também não se isenta de ser silenciado como ponto de partida do sujeito que produz esse conhecimento: uma mulher negra, antropóloga, discutindo relações raciais e outras nuances.

Todo o silêncio sobre o corpo de pessoas da nossa cor (ai de nós que falo aqui do terceiro mundo onde a gente tira água de pedra)⁶ é oriundo do racismo, colonialismo e sua perpetuação a partir da colonialidade (Quijano, 2009) e é denominado de epistemicídio (Carneiro, 2005; 2023).

Nesta direção, Sueli Carneiro (2005; 2023) atribui o epistemicídio como o processo continuado de produção de indigência cultural sobre corpos subalternizados. A lógica de operação da desumanização de nossos corpos é estendida nessa direção. Carneiro (2005; 2023) fala, sobretudo, para além da desqualificação e legado de morte imbuído sob nosso conhecimento, mas da colocação de nossos corpos às margens da produção do conhecimento. Situando corpos negres e indígenas como não passíveis de deter ou produzir conhecimento, impedindo que nossos corpos possam ser considerados autoridades dentro dos modos de fazer epistemológico e epistêmico.

O epistemicídio apresenta a violência extrema que passamos dentro dos processos educativos na educação formal. No caso brasileiro, como traz Carneiro (2005; 2023), começa a atuar no impedimento de nosso acesso a esses espaços, não permitindo que cheguemos perto da possibilidade de considerar produzir conhecimento hegemônico.

O corpo e a produção de Zora Hurston são interpelados pelo epistemicídio, mas não apenas, o corpo e a produção de Antenor Firmin, Manoel Querino, Jean Price-Mars, Edilson Carneiro, Archie Mafeje, Katherine Dunham, Jomo Kenyatta, alguns mais recentes como Lélia Gonzalez e tantos outros. Dizemos que nossos corpos e produção são fadados ao silêncio nesses espaços porque quando somos colocados como sujeitos da produção epistêmica, isto destrutura toda a lógica de operação hegemônica nos espaços brancos que frequentamos. Todos os dias. Há mais de 100 anos e até hoje. Quando enchemos a boca para dizer que é o mínimo que nosso conhecimento não seja encarado em condição de Outridade

(Kilomba, 2019) ou quando o antropólogo Kabengele Munanga ao ser prestigiado como professor emérito da Universidade de São Paulo (USP) é violentado racialmente ao questionar a conduta racista da instituição no mês que escrevemos estas palavras, no ano de 2023 e os 123 anos que me separam do nascimento de Zora.

Zora já estava atenta ao racismo da condução epistêmica e editorial. Quando escreve “O que os editores brancos não publicarão” (1950:2019) conduz o argumento sobre o desdém acerca da presença de narrativas que tenham pessoas negras como protagonistas de histórias de ficção ou como escritoras. E pensa diretamente sobre a questão do sujeito ao inserir:

O fato de não haver demanda por histórias incisivas e completas sobre os Negros, para além da condição de classe trabalhadora, é indicativo de algo de grande importância para esta nação. Este espaço em branco NÃO é preenchido pela ficção construída em torno dos Negros de classe alta, explorando o problema racial. Em vez disso, ele tende a apontar para cima. Um Negro escolarizado ainda não é uma pessoa como qualquer outra, mas apenas um problema mais ou menos interessante. Isso lembra uma história do tempo da escravidão. Nesta história, um mestre com mais curiosidade intelectual do que o habitual, começou a ver o quanto ele poderia ensinar a um escravo particularmente brilhante. Quando o levou a compreender a matemática e a adquirir fluência em latim, ele chamou um vizinho para mostrar seu brilhante escravo, e para argumentar que os Negros tinham cérebros, assim como os proprietários de escravos. Dadas as mesmas oportunidades, seriam iguais (Hurston, 2019, p. 106).

Paralelo a isto, Carneiro (2005; 2023) discute sobre como no Brasil a questão acerca da inserção de crianças negras escravizadas no ambiente escolar, foi finalizada com uma bula papal, que atribuía que pessoas escravizadas não possuíam alma e que logo não deveriam frequentar espaços educacionais.

45

Avante iremos nos debruçar a compreender os aspectos do trabalho de Zora que tornam “Olualê Kossola: As palavras do último homem negro escravizado” (2021) um trabalho etnográfico e um expoente antropológico.

OLUALÊ KOSSOLA & NOTAS ETNOGRÁFICAS

Olualê Kossola, o último homem negro escravizado nos Estados Unidos, nasceu em 1841 na comunidade de Bantè, um subgrupo do povo iorubá no oeste africano. Kossola foi batizado com sua mãe com este nome, de significado “não perco mais meus frutos” ou “minhas crianças não morrem mais”. Seu pai se chamava Olualê e assim seu nome de batismo foi formado. A desumanização de povos negros, colocada em curso durante à escravização e como apontado pela própria Zora enquanto o capítulo mais dramático da existência humana, nos roubou cultura, invalidou nosso conhecimento e cooptou nossa humanidade. Kossola teve até seu próprio nome negado na escravização, sendo chamado de Cudjo Lewis no continente americano.

O título original da obra de Zora que se debruça sobre a vida de Olualê Kossolaé “Barracoon: The story of the last “Black Cargo”. Barracões se referem aos compartimentos da costa de Uidá (atual República do Benim, na África ocidental), onde cativos eram mantidos para a venda no mercado transatlântico de africanos escravizados, segundo Larissa Portugal (2021). Entre 1801 e 1866 aproximadamente 3.873.600 pessoas africanas foram comercializadas. Kossola foi embarcado no navio Clotilda, em Uidá, junto a outras 109 pessoas, como aponta Plant (2021). Kossola ficou em um barracão por 13 dias (Hurston,

1931:2021).

Zora encontrou-se com Kossola pela primeira vez em julho de 1927. O trabalho é iniciado quando a antropóloga vai para Mobile no Alabama para conduzir uma pesquisa com Kossola. Zora é convidada por Franz Boas para realizar esta pesquisa com o objetivo de obter para Dr. Carter G. Woodson do *Jornal of Negro History*, um relato exclusivo da vinda de Kossola para os Estados Unidos. Kossola foi escravizado por cinco anos e meio no Plateau-Magazie Point no Alameda de 1860 até a libertação no contexto estadunidense. Zora parte então com suas câmeras, seu carro e uma pistola ao encontro com Kossola (Basques, 2019)⁷.

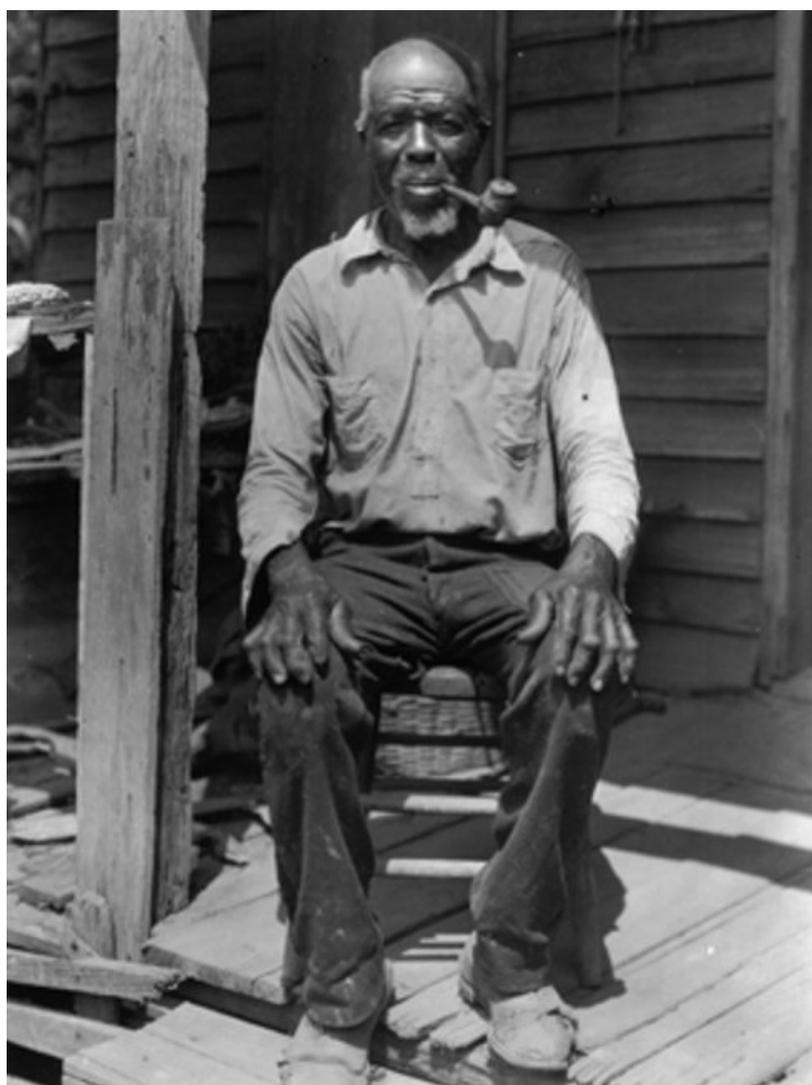


Figura 2. Retrato de Olualê Kossola

Fonte: Courtesy Erik Overbey Collection, University of South Alabama Archives

Ao longo de 12 capítulos, Zora apresenta seu interlocutor e o deixa falar em primeira pessoa. Kossola se dedica a contar acerca da sua vida no continente africano, sempre em interpelação e perpassando o processo de escravização. Os momentos que passaram no barracão, como se alimentavam, o sabor da água. A embarcação no navio negreiro, o *Clotilda*. A escravização, marcada pela violência e pelo chicoteamento. O trabalho árduo e pesado no

campo que também é estendido às mulheres. O cansaço constante resulta dessas violências sofridas. O processo de libertação do regime escravista, permeado pela felicidade da “liberdade”⁸. Não obstante, traz muitas questões de um povo sem lar, sem terra, sem Estado, sem nação e sem fronteira. Povos escravizados libertos não possuem “cidadania”.



47

Figura 3. Olualê Kossola em sua casa

Fonte: Courtesy Erik Overbey Collection, University of South Alabama Archives

Kossola relata ainda que o retorno para o continente africano não é uma opção pelo alto custo da travessia transatlântica. A única saída é a compra de terras, resultado de trabalhos árduos e certamente mal pagos. A construção de uma comunidade chamada African Town elucidada um processo de aquilombamento de povos negros neste contexto. Nesta comunidade, é comum construir casas em conjunto. Um traço de apoio e comunidade da diáspora negra. A presença de reproduções de uma religiosidade que vai ao encontro do cristianismo também é apresentada na narração de Olualê Kossola - a presença de igrejas negras nos Estados Unidos, apresenta uma ligação com esta apresentação. A construção da

Igreja Batista Old Landmark é resultado dessa mobilização comunitária.

O casamento é uma instituição que está intimamente ligada à religiosidade, uma vez que se relaciona à conversão à religião e ao registro material da união entre duas pessoas em uma relação. Kossola apresenta estes aspectos ao tratar da sua relação com sua esposa [Abila]. E menciona que o afeto não está ligado à formalização institucional deste casamento. Também aborda questões acerca da família de sua própria família. O casal teve cinco meninos e uma menina. Kossola conta ainda estar sozinho neste momento da vida, algo que vai de encontro também à chegada da velhice.

O primeiro filho de Kossola foi com dez meses de casamento. O batismo da criança com uma nomeação dupla com um nome de origem africana [Yah-jimmy] e um nome norte-americano [Alek]. A presença do racismo é constante na vida das crianças, onde crianças estadunidenses propagam mentiras acerca de povos escravizados no continente. A ideia de selvageria é trazida por Kossola. O racismo constrói no contexto um imaginário de desumanização e violência para os filhos de Kossola no processo de tentativa de integração deles na sociedade norte-americana.

Kossola narra ainda sobre sua filha [Seely] que faleceu com quinze anos. Adoecida, não conseguiu ser tratada. Levantando questões também acerca do acesso à saúde. Kossola aponta que é a primeira vez que a morte o encontra em uma dor irreparável. Um segundo filho morreu, assassinado pela polícia, com um tiro no pescoço. O desespero do casal é detalhado, sob a reza, a dor e não abandono dos filhos na beira da morte. O menino que nunca conhecerá o continente africano. A solidão é algo constante para Kossola. Uma solidão que atravessa não apenas a perda da família construída no continente americano, mas um buraco cavado pelo racismo e colonialismo no processo de escravização que o roubou de si, de sua fronteira, de seu território, de sua família no continente africano e de sua humanidade.

48

ANTROPÓLOGA & INTERLOCUTOR

Nos dedicaremos agora a trazer pontos que perpassam a relação de Zora com Kossola. Zora inicia o primeiro capítulo narrando sobre sua inserção no campo e sua recepção por parte de Kossola. A autora não o chama de Cudjo Lewis, o chama de Kossola, o que o deixa emocionado, pois ninguém o chama assim há muito tempo. Então inicia a sua relação com seu interlocutor, na casa de Kossola, de modo devagar, interpelando brechas de questões trazidas por Kossola. Zora enquanto pesquisadora passa a fazer movimentações para que Kossola se sinta confortável para compartilhar como ele vivia no continente africano. Entre recusas, idas e vindas, momentos em que Kossola se diz cansado e pede para Zora ir embora para voltar no outro dia, de preferência na parte da tarde, pois durante a manhã ele estará cuidando do jardim ou na próxima semana que ele irá cortar a grama. Ou quando propõe que Zora o leve em seu carro até o mercado em Mobile.

A relação de interlocução entre Zora e Kossola é construída ao longo dos encontros e alimentada por um cuidado que permeia a dimensão antropológica e o acesso a interlocutores, passando pelos presentes de Zora para Kossola, seja com uma cesta de pêssegos da Geórgia, presuntos da Virgínia ou melancias frescas para que eles comessem enquanto conversam.

Alguns pontos são devidamente aparentes aqui, atravessando as percepções da presença do antropólogo em campo e como este vislumbra contato e relação com

interlocutorus. Discussões sobre a construção da alteridade como premissa fundante da antropologia (Peirano, 1999) pode ser tensionada a partir disso. E para tal, retomo especialmente as contribuições de Luena Pereira (2020) e Ana Clara Damásio (2021), que exploram o Outro como narrador. E trazemos como ponto principal para cá, o que acontece quando nós [o "nós" aqui é muito bem localizado e diz respeito da minha localização enquanto antropólogas negras cotistas, na graduação e na pós-graduação, bem diferente do "nós" que cobriria todesantropologes] somos locutorus de narrativas, deslocando-nos do lugar de Outro e da condição de Outroridade (Kilomba, 2019) e somos sujeitos de nosso próprio discurso e da narrativa antropológica que está em jogo?

Nós, pensadorus negres brasileiros experienciamos isto 10 anos após a Lei nº 12.711/2012, onde algumes de nós já se tornaram professorus universitários, consolidam suas carreiras como pesquisadourus. Não estamos mais falando de sermos objetos de sujeitos brancos, de classes privilegiadas, cis que são produto da epistemologia hegemônica que impera sobre os modos do fazer epistemológico e epistêmico nas universidades ocidentais e ocidentalizadas por todo globo (Collins, 2019). É a clássica máxima de Lélia que o lixo vai falar e numa boa (Gonzalez, 1984). No entanto, 10 anos de ações afirmativas no Brasil não tornam confortáveis para nós os espaços de produção do conhecimento, não se rompe com o ideário escravista consolidado e bem alimentado por 300, pautado sob a colonialidade e o racismo em 10 anos. A universidade ainda segue a ser um lugar hostil de predominância de epistemologias hegemônicas, de professorusbranques, atributos ocidentais e viés positivista. Às vezes parece que este cenário não se perpetua dentro das Ciências Humanas, onde parece que nós, antropologes, estamos isentos desse lugar de racismo, sexismo, LGBTfobia e classicismo. Engano absurdo de quem ousa pensar que não.

49

O imperialismo e a soberba acadêmica seguem vivos, fortes. Bem concretados, alicerçados sob o racismo e o colonialismo. Em curso, está o epistemicídio (Carneiro, 2005; 2023) da necessidade constante de calar corpos-sujeitos como os nossos. De desqualificar nossa episteme, de não validar nosso discurso e de tornar tudo o que fazemos “político” demais. Porque afinal, brance não ter cor. É tido como sujeito universal, passível da falaciosa neutralidade.

Se este é um desafio para nós, escritorusnegres do terceiro mundo (Anzaldúa, 2000), no ano de 2023, imagine para Zora, há 92 anos. A população negra estadunidense enquanto uma minoria populacional, marcada pelo racismo antinegro perpetrada pouco tempo antes por leis Jim Crow. Os aspectos da vida de Zora me fazem lembrar que ela é uma antropóloga insubmissa e revolucionária. Acho que não nos restam dúvidas. Talvez não para nós, antropologesnegres.

Um dos pilares observáveis no trabalho de Zora junto a Olualê Kossola é a etnografia, supracitada. A etnografia não é somente uma metodologia na antropologia, mas parte da antropologia capaz de criar teoria, atrelado a perspectivas etnográficas (Peirano, 2014). O trabalho etnográfico proporciona enxergar o mundo do ponto de vista do ator, apresentando aspectos do seu modo de ver e viver o mundo (Geertz, 2012).

Zora subverte o modo hegemônico de fazer antropológico e logo etnográfico, ao colocar Kossola como centro da produção de seu texto, não em uma perspectiva em que Zora diz sobre Kossola, mas numa dimensão que Kossola narra sobre si em primeira pessoa. Não obstante, Zora não é uma antropóloga ausente do texto, mas articula a narração adentrando pontos e conectando aspectos relevantes para entrelaçar a trajetória de Kossola (Basques, 2019).

Estamos acostumadas a ver etnografias e textos antropológicos em que uma descrição densa sobre o outro é apresentada (Geertz, 2012) e não que isso não seja relevante, afinal a nossa subjetividade é presente no processo etnográfico e parte constituinte enquanto centralidade da produção antropológica. Nossos ensejos, anseios e aperreios são sempre trazidos e caminham sob esta produção (Velho, 1987). No entanto, neste escrito de Zora somos brilhantemente apresentados a um ponto de vista em que Kossola se torna sujeito de sua própria história (Gonzalez, 1984). Nesta direção, Messias Basques apresenta alguns aspectos dessa manobra de Zora:

Nas obras de Zora Hurston, os ‘grandes divisores’ cedem lugar a um processo de correspondência, polifonia e autoconhecimento, para além da convencional (o)posição Nós x Eles. Como a renomada bailarina afro-americana Katherine Dunham (1909-2006), que produziu obras de antropologia e logo percebeu que o palco dos teatros permitia uma relação mais fecunda e simétrica com as danças de origem africana, Hurston desenvolveu uma forma de escrita que, ainda na década de 1930, apresenta uma solução original às críticas que os pós modernistas enunciariam somente cinquenta anos mais tarde. *Barracoon* narra a história de Kossola reconhecendo-o como autor e não como um nativo ou informante. E mesmo em suas obras de literatura, como o clássico ‘Seus olhos viam Deus’ (1937), Hurston conserva a oratura característica da fala e das vidas de seus personagens. Ao som das palavras do griô, pode-se presumir o cuidado e a engenhosidade que serão necessários à tradução de *Barracoon* ao português. Dificuldade esta que, de certo modo, assemelha-se àquela imposta aos tradutores da obra de Guimarães Rosa para outros idiomas (Basques, 2019, p. 324).

Zora subverte o modo de fazer antropológico quando a presença de Kossola toma conta do texto. A antropóloga conta minuciosamente sobre a construção da sua relação com Kossola, mas a presença da narrativa é de seu interlocutor. Em conversa com uma amiga antropóloga, trocamos sobre este aspecto etnográfico do trabalho de Zora. Dialogamos, pontuamos e adentramos que o trabalho de Zora não a localiza enquanto antropóloga negra do sul (Haraway, 1995), perspectivas presentes na antropologia contemporânea, mas localiza seu interlocutor em algo que poderia se aproximar da antropologia reflexiva, que discute Strathern (2014). Enxergando a produção resultante do fazer antropológico em caráter dialógico entre antropólogo-interlocutor, colocando em xeque a relação observador-observado há 92 anos.

O próprio fazer antropológico atrelado a formas alternativas de escrita tem sido colocado em curso. Não surpreendentemente isto aparece no “clássico”⁹ de Malinowski (1978:2018). Não estamos dizendo que devemos reproduzir literalmente o modo de fazer antropológico trazido por Zora. A autora- Zora- também apresenta limitações e uma linha temporal nos separa, apesar disso seu trabalho reside no agora, com contribuições aplicáveis para a antropologia contemporânea pelo mundo. Não obstante, defendemos e nos pegamos pensando incessantemente onde Zora estaria localizada no campo da antropologia se seu corpo fosse outro? Se não fosse negra, nem mulher. Se não fosse um sujeito subalternizado. Zora certamente não faleceria sem financiamento de seus trabalhos ou esquecida dentro da disciplina antropológica.

AI DE NÓS QUE SÓ PODEMOS FAZER SOB SEUS OLHOS “AUTOETNOGRAFIA”¹⁰

Com alguma frequência eu penso sobre como eu não gostaria de escrever sobre o racismo, colonialidade e epistemicídio (Quijano, 2009; Carneiro, 2005; 2023). Pensamos por fim que não temos escolha. É ruim. Ainda dói. Fica meio engasgado. Gostaríamos de estar atreladas às amenidades. Não dizemos por fim que isto é um chamado para todesantropologesnegres deste fim de mundo, digamos terceiro mundo, escrevam sobre perspectivas interseccionadas às suas vivências, experiências e corpos, que fique claro.

Dito isto, todo lugar ainda é um fim de mundo para nós. O fim do mundo esteve para Zora há 90 anos. Está para nós. É tudo resultado de um grande sistema global que inventou a raça e faz com que estejamos atrelados à subalternização (Wynter, 2021). É claro que tem mais contundentes explicações para isso, mas não vamos nos atrelar a elas.

Apesar do nó na garganta, acho que estamos vives e juntas. Dispostes a estarmos prontes para relembrar o passado que nos apaga, isto é, resgatar nossa memória. Acreditamos piamente que o trabalho de antropologes que se propõem a serem antirracistas sejam os de resgatar nomes grandiosos como os de Zora. Zora Neale Hurston. Não achamos que haja outra saída senão reconstruir nossa memória, queiram os racistas que ousam nos atacar ou queiram não. Sobreviver ainda é a única opção. Não calar e seguir. Sob a luz negra de uma antropologia em que existamos. Em cima do legado de Zora Neale Hurston que viveu para nos lembrar que poderíamos existir neste lugar e tantos outros. Apesar de nos sentirmos como uma mala de miscelânea marrom encostadas numa parede branca (Hurston, 2021).

NOTAS:

- 1 Fazemos um movimento de chamar Zora Hurston pelo primeiro nome em uma ideia que cria entre nós algum nível de proximidade.
- 2 Zora e eu, primeira autora, somos do signo de Capricórnio. Signo demarcado por sua força terrena.
- 3 Zora escreve a W. E. B. Du Bois sobre o seu receio de que amigos morressem na miséria, perguntando para o sociólogo a sua opinião acerca da criação de um cemitério destinado à “negros ilustres”, cujo objetivo seria salvá-los do esquecimento futuro (BASQUES, 2019).
- 4 O presente texto faz um esforço de ser escrito em linguagem neutra, substituindo “a” e “o” por “e” ou “u”.
- 5 O título original da obra em língua inglesa é “Barracoon: The story of the last “Black Cargo”.
- 6 Referência à música Terceiro Mundo [2019] de Febem feat. Fleezus & CESRV.
- 7 A motivação do porte da arma é resultado de leis segregacionistas e a violência contra pessoas negras no Sul dos EUA (BASQUES, 2019). É interessante observar também que Zora mobilizava recursos audiovisuais para seu trabalho. Recursos estes que vão adentrar a etnografia somente anos mais tarde
- 8 Trazemos liberdade entre aspas mediante à falsa narrativa que o conceito traz neste contexto.
- 9 Clássico é apresentado entre aspas como resultado da tensão de compreender o porquê esse cânone de clássicos é denominado como tal.
- 10 Referência ao artigo: DAMÁSIO, Ana Clara. Isso não é uma autoetnografia!. Mediações Revista de Ciências Sociais, p. 114, 2022.



REFERÊNCIAS:

Anzaldúa, Gloria. “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”. Revista Estudos Feministas. Vol 8; p 229-236, 2000.

Basques Messias. “Diários de Antropologia Griô: etnografia e literatura na obra de ZoraHurston”. Revista ANTHROPOLÓGICAS. Vol 30. p 316-326, 2019.

Carneiro, Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Tese (Doutorado em Educação junto à Área Filosofia da Educação). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

Damásio, Ana Clara. “Como pode o “Outro” narrar? Considerações sobre viver, fazer e escrever na Antropologia”. PÓS. Vol 16; p 1-28, 2021.

Geertz, Clifford. “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”. In. A interpretação das Culturas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, p. 3-21. 2012.

Gonzales, Lélia. “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. Revista Ciências SociaisHoje. Vol 2; p. 223-244, 1984.

Haraway, Donna. “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”. Cadernos pagu. Vol 5; p. 7-41, 1995.

Hurston, ZoraNeale. “Como eu me sinto uma pessoa de cor”. Ayé: Revista de Antropologia. Vol 1; p 45-53, 2021.

_____. OlualêKossola: As Palavras do Último Homem Negro Escravizado. Rio de Janeiro, Editora Record, 2021.

_____. “O que os editores brancos não publicarão. ZoraHurston e as luzes negras das Ciências Sociais”. Ayé: Revista de Antropologia. Vol 1. p. 102-111, 2019.

Kilomba, Grada. Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó. 2019.

Malinowski, Bronisław. Argonautas do pacífico ocidental. Ubu Editora. 2018.

Portugal, Larissa. 2021. “Barracoön: thestoryofthelast “Black Cargo””. Enciclopédia de Antropologia. Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: . Acesso em 20 de jun. 2023.

Quijano, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In. Epistemologias do Sul. Org. Boaventura de Sousa Santos, Maria Paula Meneses. Editora CES, Coimbra. 2009. p. 73-119.

Peirano, Mariza. “Etnografia não é um método”. Horizontes Antropológicos. Vol 20; p. 377-391, 2014.

Pereira, Luena. “Alteridade e Raça Entre África e Brasil”. Revista Antropologia. Vol 63; p 1-14, 2020.

Plant, Debora. “Introdução”. In. OlualêKossola. As Palavras do Último Homem Negro Escravizado. Rio de Janeiro: Editora Record, p.12-20. 2021.

53

Strathern, Marilyn. “Fora de contexto: as ficções persuasivas da antropologia”. In. O efeito etnográfico e outros ensaios. São Paulo: Editora Cosac Naify. 2014. p 159-210.

Velho, Gilberto. Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1987.

Walker, Alice. “À procura de ZoraNealeHurstón”. Ayé: Revista de Antropologia. Vol 1: p 109-134, 2019.

Wynter, Sylvia. “Nenhum humano envolvido: Carta aberta a colegas”. In. Spillers, HortensePensamento negro radical: antologia de ensaios. São Paulo: Editora Crocodilo, p. 71-103. 2021.

